

Serpentes

do campus da Universidade
Federal Rural de Pernambuco



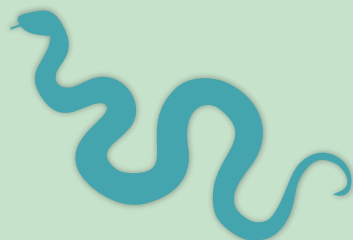
UFRPE

Organizadoras:
Vanessa do Nascimento Barbosa
Ednilza Maranhão dos Santos

Serpentes

do campus da Universidade
Federal Rural de Pernambuco

Vanessa do Nascimento Barbosa
Maria Laura Silva Santos
Luiz Filipe Lira Lima
Dênisson da Silva Souza
José Víctor de Melo Souza
Jozelia Maria Correia de Souza
Ednilza Maranhão dos Santos



Editorial
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Textos dos autores

Organizadores
Ednilza Maranhão dos Santos
Vanessa do Nascimento Barbosa

Revisão
Luiz Augustinho Menezes da Silva
Frederico Gustavo Rodrigues de França

Diagramação e Arte
Luana Maria de Souza Veiga Lira

Foto de Capa
Chironius flavolineatus (Cobra cipó)
Fonte: L. I. A.R. (Vanessa Barbosa)

Fotos: Acervo do Laboratório Interdisciplinar de Anfíbios e Répteis - L. I. A. R. (Vanessa Nascimento Barbosa, Ednilza Maranhão dos Santos, Gleymerson Almeida, Luiz Filipe Lira Lima, Claudio Aguiar e Maria Laura Silva Santos) e Parque Estadual de Dois Irmãos (Marina Falcão).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S486 Serpentes do Campus da Universidade Federal de Pernambuco /
Vanessa do Nascimento Barbosa ... [et al]. – 1. ed. - Recife:
EDUFRPE, 2020.
54 p. : il.

Inclui referências.

1. Animais silvestres 2. Répteis 3. Cobra 4. Vida selvagem –
Conservação 5. Herpetologia I. Barbosa, Vanessa do Nascimento,
et al.

CDD 597.96
ISBN: 978-65-86547-06-1

Apresentação

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sede em Recife, encontra-se inserida em um local privilegiado dentro da região metropolitana, fazendo parte da área de amortecimento de uma das Unidades de Conservação de Mata Atlântica, o Parque Estadual de Dois Irmãos. Além disso, é um Imóvel de Proteção a Área Verde (IPAV), evidenciando a nossa responsabilidade e atenção aos recursos naturais e animais silvestres aqui encontrados. Constitui um local de refúgio, de rotas e sítios de alimentação e reprodução da nossa fauna, como as serpentes. O encontro ocasional com serpentes pela comunidade humana na UFRPE, acontece ao longo do ano e cuidados e atenção são necessários. Com isso, o Laboratório Interdisciplinar de Anfíbios e Répteis (LIAR) oferece para todos o Guia sobre as serpentes do campus da UFRPE em Recife.

Recomendamos ao leitor que não manipule uma serpente, em caso de encontro entre em contato com o L.I.A.R.

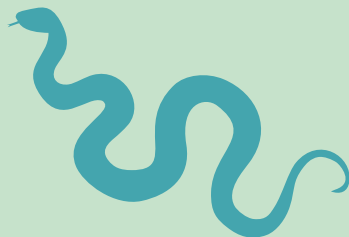


Agradecimento

Agradecemos ao Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio) que proporcionou as atividades de pesquisa no campus, a todos os alunos que fizeram parte e que fazem parte do Laboratório Interdisciplinar de Anfíbios e Répteis pela valiosa ajuda durante o recebimento, resgate e ações educativas na universidade.

Agradecemos a prefeitura da UFRPE, aos funcionários da administração e terceirizados que contribuíram através dos telefonemas, mensagens e nos registro, manejo e captura de algumas espécies.

A gestão e técnicos do Parque Estadual de Dois Irmãos pelo apoio durante as avaliações clínicas de alguns espécimes que precisaram de atendimento médico veterinário.



Sumário

08	Introdução
11	Mata Atlântica e as serpentes
13	A UFRPE e sua importância como corredor ecológico
14	Características gerais das serpentes
24	Serpentes peçonhentas
28	Importância das serpentes
29	Serpentes do campus sede da UFRPE
31	Lista das espécies
42	Outros vertebrados da UFRPE confundidos com serpentes
43	Desmistificando lendas e crendices
44	Ações educativas no campus sede da UFRPE
48	Resgates e registros
50	Como prevenir e evitar acidentes
50	Como proceder em caso de acidentes ofídicos
51	O que fazer quando encontrar uma serpente
52	Referências Bibliográficas
53	Índice Remissivo



Leptophis ahaetulla
Azulão-boia

Introdução

As serpentes são animais que despertam diferentes sentimentos nas pessoas, algumas são temidas e odiadas, outras são consideradas animais sagrados como um símbolo de força e coragem, e são respeitadas. No Nordeste do Brasil esses animais são cercados de lendas e credices que são perpetuadas por gerações. A maioria dessas informações aguça sentimentos de medo e ameaça, o que resulta em mortes intencionais de serpentes por parte das comunidades humanas.

Com o aumento da urbanização o encontro ocasional do homem com as serpentes vem aumentando, principalmente nas áreas verdes que ainda fazem parte dos núcleos urbanos. Atualmente os nossos resquícios de áreas naturais na região metropolitana do Recife estão inseridos em um mosaico composto por áreas abertas antropizadas com predominância da malha urbana. Nesse contexto encontra-se o Parque Estadual de Dois Irmãos (PEDI), uma unidade de conservação que abriga uma rica biodiversidade e mantém vários recursos naturais importantes para sobrevivência do homem, como ar, água e o solo; fazendo parte desse entorno temos a UFRPE.

Proteger a riqueza biológica é um dever nacional e uma necessidade humana e é importante conhecer nossas serpentes e onde ocorrem. Atualmente são conhecidas no mundo 3.789 espécies de serpentes, no Brasil há cerca de 410 espécies e a Mata Atlântica se destaca com uma das maiores diversidades (cerca de 140 espécies). Para o PEDI foram registradas por Santos et al, (2016) um total de 27 espécies, dessas são encontradas na

UFRPE um total de 21 táxon, o que ressalta a importância das áreas verdes do campus da UFRPE em Dois Irmãos como um corredor para fauna silvestre. Essa área fornece a fauna silvestre abrigo, sítios de alimentação, reprodução e funciona como fluxo gênico entre as populações. A maioria das espécies de serpentes registradas no campus não causa acidente, são inofensivas, apenas três espécies são peçonhentas, ou seja, possuem estruturas inoculadoras de veneno. Conhecer esses animais é importante para minimizar os impactos que vêm sofrendo ao longo da sua história.

Partimos do princípio que quando conhecemos podemos exercitar dentro de cada um a admiração e o respeito. A história de vida das serpentes aguça a curiosidade e o fascínio por esses animais, conhecemos pouco sobre a vida das nossas serpentes. Elas são encontradas ocupando diferentes ambientes, na água, embaixo do solo, empoleiradas em arbustos e árvores, embaixo de tronco e folhas, dentro de cupinzeiros. A capacidade de deslocamento, capazes de deslizar em diferentes substratos sem fazer nenhum barulho e dos seus diferentes sentidos de localização e de apreensão para obter o seu alimento, são impressionantes.

Nesta obra, oferecemos a comunidade da UFRPE um pouco das informações que colhemos ao longo desses sete anos (2014-2020) sobre as serpentes do campus de Dois Irmãos, com participação direta e indireta de todos que fazem o laboratório Interdisciplinar de Anfíbios e Répteis. Esperamos que ajude a todos, mas principalmente aos funcionários da UFRPE que lidam no campo, nas áreas de jardins e edificações onde comumente há registro desses animais.



Açude de Dois Irmãos
Parque Estadual de Dois Irmãos

Mata Atlântica e as serpentes

O bioma Mata Atlântica constitui um Hotspots mundial pela sua biodiversidade, endemismo e níveis alto de ameaças, perdemos cerca de 90% das áreas originais de floresta, principalmente por ação antrópica. Possui uma variedade de paisagens que proporciona também uma biota distinta, com alto grau de espécies endêmicas. No Nordeste do Brasil a situação é mais severa com alto nível de fragmentação e perda de hábitat, com isso muitas espécies encontram-se ameaçadas de extinção.

Um dos instrumentos importantes para proteger a floresta e a sua biodiversidade é através da criação e manutenção de unidades de conservação (UC). Em Pernambuco há cerca de 100 UCs e a maioria constitui resquícios de matas e ecossistemas associados (restinga, mangue e brejos de altitude) pertencentes ao domínio da Mata Atlântica. A manutenção da biodiversidade nesses fragmentos depende de esforços da gestão pública e da comunidade humana que vivem no seu entorno. Considera-se que o maior desafio para manutenção do potencial genético dessas áreas é a possibilidade de criação de corredores naturais, conexões entre os fragmentos, favorecendo um maior fluxo gênico entre as populações silvestres.

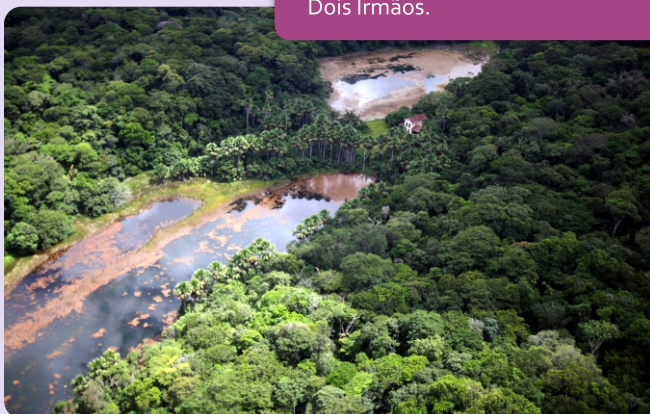
Estudos referente às comunidades de serpentes das nossas áreas naturais ainda são bem incipientes, temos poucas áreas inventariadas, ou seja não conhecemos a fauna de serpentes da maioria das unidades de conservação. Atualmente há cerca de 140 espécies descritas para Mata Atlântica o que corresponde a 34,63% do total de espécies brasileiras (Costa e Bérnils,

2018), e Pernambuco possui cerca de 50 espécies. Dessas, cinco estão ameaçadas e constam na lista do estado (SEMAS, 2014).

O Parque Estadual de Dois Irmãos é uma Unidade de Conservação de Mata Atlântica ombrófila densa, com 1.158,51 ha, destes 14 ha encontram-se no Zoológico de Dois Irmãos. É uma das florestas urbanas de proteção integral mais importante do Estado de Pernambuco.



Mata Atlântica, Parque Estadual de
Dois Irmãos.



A UFRPE e sua importância como corredor ecológico

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sede no Bairro de Dois Irmãos (coordenadas 8°04'03"S e 34°55'00"O), município de Recife, possui uma área de aproximadamente 147 ha (Proplan, 2004), com uma particularidade por se inserir em uma das categorias de Unidades Protegidas eleita pelo município recifense como um Imóvel de Proteção de Área Verde (IPAV), fruto da Lei Municipal nº 16.176/1996 de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife. Além de ser um IPAV, a UFRPE está dentro da zona de amortecimento do Parque Estadual de Dois Irmãos (PEDI) e é um importante corredor ecológico para fauna silvestre.

Possui vários ambientes naturais, como resquício de Mata Atlântica, apensar de modificado há muitas árvores de grande porte, além de açudes, córregos, tanques, poças, charcos, lagoas e riachos. Na sua área edificada há quadras, estradas, galpões, casas e prédios de até seis andares onde são encontrados os vários departamentos, entre esses os de biologia, veterinária, agronomia, pesca, zootecnia, educação, ciências florestais, entre outros.



Figura: a- porção do Açude Dois Irmãos mais conservado; b- riacho conectado ao Açude Dois Irmãos; c, d- corpos d'água base de pesca, e- área alagada próximo ao Departamento de Educação; f- córrego próximo ao Departamento de Zootecnia.

Características Gerais das Serpentes

As serpentes são répteis, pertencente ao grupo dos Squamatas (animais que possuem escama), o mais diverso e de maior sucesso evolutivo dentro do táxon. Possuem corpo alongado e são ápodes*.



Jibóia (*Boa constrictor*)

Ausência de pálpebras móveis e ouvido externo, elas são capazes de perceber movimentos, o som é conduzido através do substrato até o osso quadrado que transmite a informação a uma estrutura homóloga a de outros vertebrados ao ouvido médio.



Suaçubóia (*corallus hortulana*)

* Ápode: Ausência de membros locomotores.

Esses animais crescem realizando ecdises (trocas de pele) onde a camada superficial da pele é renovada e continuam crescendo por toda a vida. Durante a ecdise as serpentes ficam com aparência acinzentada e olhos opacos.



Azulão-boia (*Leptophis ahaetulla*) com o olho opaco



Muda de pele de salamanta (*Epicrates cenchria*)

O chocalho (guizo) da cascavel corresponde ao número de mudas que a serpente fez. O que pode ocorrer mais de uma vez ao ano além da possibilidade de quebrar reduzindo o número de anéis, desta forma, não representa a idade do animal.



As serpentes podem habitar desde embaixo do solo ao dossel de árvores. São encontradas em atividade durante o dia ou a noite e em ambos os períodos.



Surucucu (*Lachesis muta*)
Hábito terrestre. Corpo robusto
e coloração variada.



Azulão-boia (*Leptophis ahaetulla*)
Hábito arbóreo. Corpo delgado,
cauda longa e olhos grandes.



Cobra-D'água (*Helicops angulatus*)
Hábito aquático. Olhos e narinas
próximos a superfície da cabeça.



Cobra-Chumbinho (*Epictia borapeliotes*)
Hábito fossorial. Abriga-se abaixo da terra, olhos vestigiais.

Algumas espécies apresentam mais de um hábitat, podendo ser por exemplo, semi-arborícola vivendo no solo e em árvores.



O formato da pupila pode indicar o período de atividade da serpente, sendo a vertical para atividade noturna e pupila redonda para diurna.



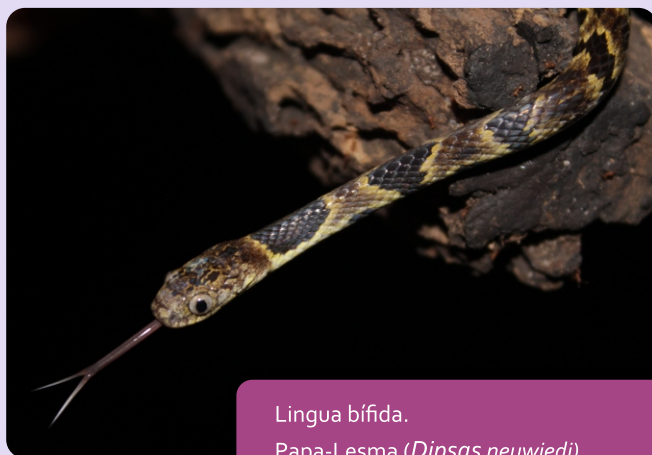
Jibóia (*Boa constrictor*)
Pupila vertical - noturna.



Bicuda (*Oxybelis aeneus*)
Pupila redonda - diurna

A maioria das espécies não enxerga bem, detectando movimento e cores, sendo nas arborícolas a visão mais desenvolvida.

O olfato é um dos sentidos mais eficientes, utilizado para encontrar parceiros, alimento e predadores. Elas captam as micropartículas químicas presente no ar através da língua bifurcada e levam ao órgão de Jacobson, localizado no “céu da boca”, onde acontece o reconhecimento da informação de odor. Observamos sempre a serpente com a língua para fora e para dentro da boca (dardejando).



Língua bífida.

Papa-Lesma (*Dipsas neuwiedi*)

As serpentes são animais pecilotérmicos, ou seja, animais de “sangue frio”, sua temperatura do corpo varia de acordo com o ambiente. Elas precisam termoregular e fazem isso muito bem, através da obtenção do calor do ambiente. Possuem também estruturas que funcionam como receptores térmicos importantes para detectar presas e predadores, como as fossetas labiais, localizadas entre as escamas labiais, e as fossetas loreais, localizadas entre o olho e a narina.

Estes órgãos estão presentes na família Boidae (jibóia, salamanta, suaçuboia e sucuri) e na família Viperidae (cascavel, surucucu e jararaca).

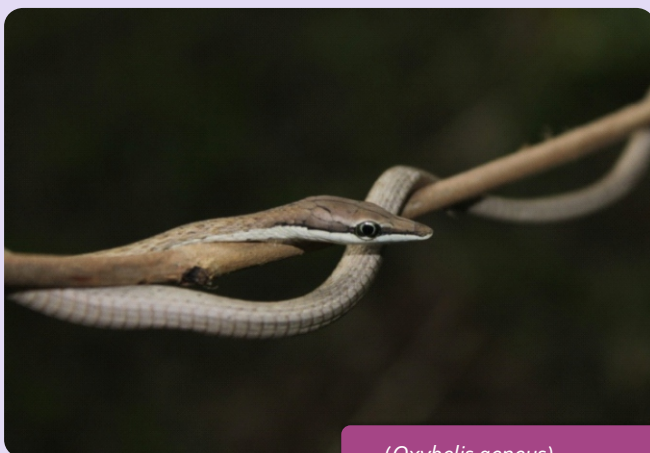


Fosseta loreal em Jararaca
(*Bothrops muriciensis*)



Fossetas labiais em Salamanta
(*Epicrates cenchria*)

As serpentes escolhem diferentes locais para termoregular, é comum encontrarmos algumas espécies tomando banho de sol empoleiradas em arvores e arbustos, bem como sobre o solo.



(Oxybelis aeneus)



(Corallus hortulana)

As serpentes são carnívoras, se alimentam de uma variedade de presas, como invertebrados (insetos, minhocas, lesmas, caracóis, etc.) e vertebrados (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos) e existem também aquelas que comem outras serpentes. Ao capturar um animal ou abocanhá-lo, com dentes finos em fileiras e encurvados para o interior da boca, engole inteiro e durante o processo de deglutição elas diminuem a capacidade de locomoção ficam lentas e até imóveis. São capazes de ingerir presas grandes, bem maiores que sua cabeça, porque possuem os ossos do crânio articulados o que ajuda a uma maior abertura da boca e melhor encaixe do seu alimento. Apesar de ter muitos dentes, esses servem apenas para prender ou segurar melhor a sua presa.

Há diferentes formas de capturar ou subjugar uma presa, por constrição quando se enrolam no corpo do animal, apertando a caixa torácica até ele morrer por asfixia e parada cardíaca e outras caçam por espreita e lança o bote para morder e inocular o veneno.



Coral-Verdadeira (*Micrurus ibiboboca*) predando uma cobra de duas cabeças (*Amphisbaena alba*)

Na época do acasalamento as fêmeas liberam substâncias químicas (feromônios) que atraem os machos. É comum confrontos entre machos para acasalar com uma fêmea e muitas vezes resultam em injúrias e desistências. Os machos apresentam um órgão copulador duplo denominado hemipênis, que ficam invertidos na cloaca e são expostos no momento do acasalamento.

As serpentes podem ser ovíparas (colocam ovos) ou vivíparas (parem filhote) e as suas crias já estão aptas a se defender sozinhas no ambiente. O cuidado parental apenas foi documentado no Brasil para a Surucucu (*Lachesis muta*), fêmeas dessa espécie cuidam dos filhotes até a eclosão. O número de ovos e filhotes irá depender do tamanho do animal. Espécies pequenas podem colocar até três ovos e espécies grandes como a sucuri podem por oitenta ovos.



Filhotes de cobra d'água (*Helicops angulatus*) nascidos na UFRPE, monitorados pelo projeto "Serpentes no Campus! O que devo fazer?"

Serpentes peçonhentas

As serpentes peçonhentas brasileiras que mais causam acidentes possuem fosseta loreal, um órgão termoreceptor. Por isso, em alguns lugares são conhecidas como “cobra de quatro ventas”. Essas serpentes são da família Viperidae.

As Corais-verdadeiras são uma exceção, pois não apresentam fosseta loreal, e sim anéis coloridos que circulam completamente o corpo, pertencem a família Elapidae.

Para Pernambuco, existem quatro gêneros de serpentes peçonhentas: *Micrurus* (Coral-Verdadeira), *Crotalus* (Cascavel), *Bothrops* (Jararaca) e *Lachesis* (Surucucu). Na UFRPE só registramos a Coral-Verdadeira e a Cascavel.



Micrurus ibiboboca / Crotalus durissus

A Coral-verdadeira evidencia um padrão de cores (vermelho, preto e branco), com anéis circulando o dorso (parte superior) e o ventre (parte inferior). A Coral-verdadeira é peçonhenta. A Falsa-Coral não é peçonhenta.



Oxyrhopus trigeminus / *Micrurus ibiboboca* / *Oxyrhopus petolarius*

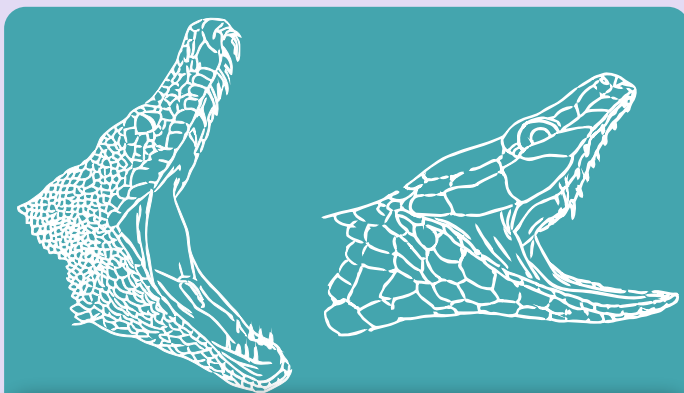
Coral-verdadeira no centro, evidenciando anéis circulando o dorso (parte superior) e o ventre (parte inferior). Falsa-Coral nas extremidades, anéis coloridos no dorso com ventre branco.

Mimetismo é o nome dado à semelhança entre as corais, uma característica evolutiva onde o mímico (falsa coral) imita o padrão de coloração de um modelo (coral-verdadeira), trazendo benefícios para defesa, reprodução ou predação.



Das 412 espécies encontradas no Brasil apenas 32 são peçonhentas, ou seja, possuem peçonha (veneno) e um par de dentes inoculadores. Tratamos neste guia serpentes peçonhentas como aquelas que possuem registro de acidente letal em humanos; semipeçonhenta, as que possuem relatos de envenenamento humano não letal como inchaço, coceira e vermelhidão no local da mordida; não peçonhentas, as que não possuem dentes inoculadores e as espécies opistóglifas que inclui as semipeçonhentas (com relatos de acidentes), todavia a maioria corresponde a espécies sem registro de acidentes.

Podemos classificar as serpentes em quatro tipos básicos de dentição:



Áglifa – Não apresentam dentes inoculadores de peçonha e todos os dentes são maciços e normalmente do mesmo tamanho.

Opistóglifa – Possui no final da boca um par de dentes fixos com uma “rachadura” com conexão a glândula de Durvenoy, por onde escorre a peçonha, porém, a maioria das espécies brasileiras não oferece risco ao ser humano.

Proteróglifa – Um par de dentes especializados, pequenos e fixos, inoculadores de veneno na parte anterior da boca.



Solenóglifa – Um par de dentes especializados inoculadores de veneno, longos e móveis na parte anterior da boca, revestidos por uma membrana, que são projetados para frente durante o bote.

O veneno das **serpentes peçonhentas** também são utilizados para **salvar vidas**, através de medicamentos feitos com suas proteínas. O mais conhecido é o Capítopril, utilizado para tratamento da hipertensão arterial.



Importância das Serpentes

- São biocontroladores, ou seja, se alimentam de animais que podem virar praga e causar danos aos seres humanos, como por exemplo roedores;
- São bioindicadores, indicam a qualidade do ambiente;
- São presas e predadoras contribuindo para o equilíbrio ecológico;
- A maioria das espécies não oferece riscos aos seres humanos;
- Na bioprospecção na produção de medicamentos (exemplo: captopril usado para hipertensão) e cremes cosméticos anti-idade;
- Pesquisas comprovaram que algumas espécies de serpentes podem agir como dispersoras de sementes e com isso contribuir na manutenção das florestas.



Serpentes do campus sede da UFRPE

As pesquisas realizadas pelo Laboratório Interdisciplinar de Anfíbios e Répteis, Departamento de Biologia, campus da UFRPE (Recife), contribuíram com o registro de 21 espécies de serpentes, a maioria dessas encontradas nas áreas abertas e edificadas, como salas de aula, gabinetes, biblioteca, restaurante universitário, galpões, jardins, escadarias e calçadas. Os estudos continuam de forma a monitorar esses animais quanto a sua distribuição espacial e temporal, área de uso e aspectos da sua biologia em ambientes modificados, bem como aumentar o número de espécies para a lista.



Distribuição das serpentes nas áreas edificadas no *campus* Sede da UFRPE.
Vermelho: Coral-Verdadeira, Amarelo: Cascavel, Rosa: demais espécies

Coral-verdadeira é a espécie mais abundante no campus, é uma serpente peçonhenta, mas tranquila, não costuma desferir botes, tenta correr e se esconder quando se sente ameaçada (uma estratégia de defesa). Caso encontre não mexa no animal, entre em contato com o L.I.A.R. para sua segurança e do animal.





Micrurus ibiboboca
Coral-verdadeira

Lista de Espécies

Família: Boidae

Jiboia

Boa constrictor
(Linnaeus, 1758)

Cerca de 3,5 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Uma das mais abundantes na UFRPE. Encontrada em área aberta, florestada e em edificações. Quando assustada pode silvar (barulho do ar saindo do pulmão), se manuseada pode desferir botes e fazer descarga cloacal (liberar fezes e substância com mau cheiro para afugentar predadores).

Família: Boidae

Suaçubóia

Corallus hortulana
(Linnaeus, 1758)

Cerca de 1,8 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Espécie considerada rara na UFRPE. Encontrada em área florestada. Quando assustada pode diferir botes e se manuseada também pode morder, além de realizar descarte cloacal.

Família: Colubridae

Cobra

Chironius carinatus
(Linnaeus, 1758)

Cerca de 1,6 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Espécie considerada rara na UFRPE, registrada em área florestada, quando assustada tende a fugir, quando manuseada pode desferir botes e morder.

Família: Colubridae

Cobra-cipó

Chironius flavolineatus
(Boettger, 1885)

Cerca de 1 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Espécie considerada rara na UFRPE, registrada em área florestada, quando assustada tende a fugir, quando manuseada pode diferir botes, girar o corpo em 360° fugir, e realizar descarga cloacal.

Família: Colubridae

Azulão-boia

Leptophis ahaetulla
(Linnaeus, 1758)

Cerca de 1,4 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Considerada comum na UFRPE, encontrada em área aberta e próxima a edificações. Quando assustada abre a boca na tentativa de amedrontar o predador, se manuseada pode desferir botes e morder.

Família: Colubridae

Bicuda

Oxybelis aeneus
(Wagler, 1824)

Cerca de 1,5 m

Dentição: Opistóglifa

Não Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada em áreas florestadas. Quando assustada tende a abrir a boca tentando assustar, se manuseada pode morder e realizar descarga cloacal. É bem diferente das outras serpentes por ter essa cabeça com o focinho bem alongado.

Família: Colubridae

Caninana

Spilotes pullatus
(Lineu, 1758)

Cerca de 2,6 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada em áreas florestadas e próxima a edificações. Quando assustada pode inflar o pescoço para parecer maior, bater rapidamente a cauda no chão, provocando som e dar botes.

Família: Dipsadidae

Papa-lesma

Dipsas newwiedi
(Ihering, 1911)

Cerca de 0,6 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Uma das mais abundantes na UFRPE, encontrada em área aberta e florestada, quando assustada pode triangular a cabeça, fugir e realizar descarga cloacal. Não oferece risco algum.

Família: Dipsadidae

Cobra

Erythrolamprus poecilogyrus
(Wied-Neuwied, 1825)

Cerca de 0,9 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada em áreas florestadas, quando assustada tende a correr, quando manuseada esconde a cabeça e faz descarga cloacal.

Família: Dipsadidae

Barriga-vermelha

Erythrolamprus taeniogaster
(Jan, 1983)

Cerca de 0,6 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada próximo ou dentro de córregos e poças d'água, geralmente entre a vegetação. Quando assustada tende a fugir, quando manuseada esconde a cabeça, tenta fugir, e pode fazer descarga cloacal.

Família: Dipsadidae

Cobra-verde

Erythrolamprus viridis
(Günther, 1862)

Cerca de 0,5 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Considerada comum na UFRPE, encontrada em áreas florestadas e abertas, quando assustada tende a correr, manuseada tende a fazer descarga cloacal, fugir e esconder a cabeça. O filhote tem manchas pretas no corpo, que perde no decorrer do crescimento e fica com a coloração verde em todo o corpo na fase adulta.

Família: Dipsadidae

Cobra-d'água

Helicops angulatus
(Lineu , 1758)

Cerca de 0,9 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Considerada comum na UFRPE, encontradas próximo a córregos ou dentro d'água, quando assustada pode fugir, morder e achatar o corpo para parecer maior.

Família: Dipsadidae

Cobra-d'água

Helicops leopardinus
(Schlegel, 1837)

Cerca de 0,9 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontradas próximo a córregos d'água, quando assustado pode fugir, morder e achatar o corpo para parecer maior.

Família: Dipsadidae

Falsa-coral

Oxyrhopus petolarius
(Linnaeus, 1758)

Cerca de 1,5 m

Dentição: Opistóglifa

Não Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada em áreas florestadas, quando assustada pode fugir e se manuseada esconder a cabeça e fazer descarte cloacal. Essa espécie também é confundida com a Coral-verdadeira, mas não é peçonhenta.

Família: Dipsadidae

Falsa-coral

Oxyrhopus trigeminus
(Bibron & Duméril, 1854)

Cerca de 1,5 m

Dentição: Opistóglixa

Não Peçonhenta



Considerada comum na UFRPE, encontrada em área aberta e florestada, quando assustada pode fugir e se manuseada esconder a cabeça e realizar descarte cloacal. Comumente essa espécie é confundida com a Coral-verdadeira, que é bastante comum no campus.

Família: Dipsadidae

Corre-campo

Philodryas natererii
(Steindachner, 1870)

Cerca de 1,5 m

Dentição: Opistóglixa

Não Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada em áreas florestadas e abertas, quando assustada tende a fugir com bastante rapidez. Conhecida também como corredeira.

Família: Dipsadidae

Cobra-verde

Philodryas olfersii
(Lichtenstein, 1823)

Cerca de 1,5 m

Dentição: Opistóglifa

Semi-peçonhenta



Comum na UFRPE, encontrada em área florestada e aberta, possui dentição opistóglifa, todavia, é considerada de interesse médico, com relatos de acidentes. Quando assustada, tenta fugir, e se manuseada pode desferir botes e morder.

Família: Dipsadidae

Cobra

Taeniophallus occipitalis
(Jan, 1863)

Cerca de 0,5 m

Dentição: Áglifa

Não Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada em área aberta e florestada, quando assustada tende a fugir e se manuseada esconde a cabeça e pode fazer descarte cloacal.

Família: Elapidae

Coral-verdadeira

Micrurus ibiboboca
(Merrem, 1820)

Cerca de 1,3 m

Dentição: Proteróglifa

Peçonhenta



A espécie mais abundante na UFRPE, encontrada em área aberta e florestada, quando assustada tenta fugir, achatar e esconder a cabeça. Não costuma utilizar a mordida como primeira tática de defesa, mas se manuseada pode morder. É também conhecida como Cobra-coral ou tricolor, referência a um time de futebol de Pernambuco, o Santa Cruz.

Família: Elapidae

Coral-verdadeira

Micrurus lemniscatus
(Linnaeus, 1758)

Cerca de 1,1 m

Dentição: Proteróglifa

Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada em área florestada, quando assustada tenta fugir, achatar o corpo

e esconder a cabeça. Não costuma utilizar a mordida como primeira tática de defesa, mas se manuseada pode morder. É muito parecida com a *M. ibiboboca*.

- Mesmo o índice de acidentes com corais-verdadeiras sendo baixo, devido a espécie não desferir botes como primeira estratégia de defesa, o manejo dessas espécies deve ser realizado com as devidas medidas preventivas, não sendo aconselhado o manejo sem treinamento.
- Serpentes não atacam, se defendem!
- **Mesmo sendo uma espécie peçonhenta, ela não oferece risco se não for manuseada.**

Família: Viperidae

Cascavel

Crotalus durissus
(Lineu, 1758)

Cerca de 1,5 m

Dentição: Solenóglifa

Peçonhenta



Considerada rara na UFRPE, encontrada em área aberta como pastos e entulhos de vegetação. Quando assustada balança o chocalho e se manuseada pode desferir botes.

Caso encontre qualquer espécie no *campus* entre em contato com o L.I.A.R. para que o animal seja resgatado sem sofrer danos e liberado em um local seguro.



Outros vertebrados da UFRPE confundidos com serpentes



Cobra-de-duas-cabeças (*Amphisbaena vermicularis*)



Cobra-de-duas-cabeças (*Leposternon polystegum*)

As anfisbenas, conhecidas como cobras de duas cabeças, pertencem a outro grupo de répteis, os anfisbenídeos e **não possuem peçonha**, se alimentam de pequenos vertebrados, são importantes na aeração do solo e tem hábitos fossoriais.



Desmistificando lendas e crendices

"Serpente com pupila vertical, cabeça triangular e cauda fina é peçonhenta."



No Brasil essas características não se aplicam, visto que temos muitas exceções. Tal conceito pode estar relacionado a informações equivocadas encontradas em livros didáticos.

Diferença entre as cobras corais "Coral-falsa mata em algumas horas e a coral-verdadeira mata em segundos"



Apenas a coral-verdadeira (*Micrurus* spp.) é peçonhenta, a relação dos nomes "coral" vem de ambas as espécies possuírem o padrão tricolor uma característica evolutiva chamada de mimetismo. E ainda assim a peçonha da coral verdadeira não mata em segundos, existem relatos na literatura de pessoas que demoraram mais de 1 hora para receberem o soro antiofídico e saíram ilesos.



"Casco-de-burro é a mais perigosa"



A espécie reconhecida como casco-de-burro foi a papa lesma (*D. newwiedi*), tal fato pode estar relacionado a serpente triangular a cabeça e os desenhos do corpo se assemelharem aos da jararaca. Todavia, é inofensiva.

Ações educativas realizadas no campus da UFRPE



Exposições realizadas nos departamentos da UFRPE desmistificando e explicando a importância das serpentes para comunidade acadêmica da universidade.



Ações de educação ambiental no entorno da UFRPE e alguns materiais utilizados durante as atividades.



Palestra realizada para os funcionários terceirizados em agosto de 2019. Muitos desses funcionários ocasionalmente encontram serpentes no campus. Dessa forma, receberam treinamento sobre a ecologia, importância e manejo adequado para garantir maior segurança no seu dia a dia.



Treinamento sobre identificação, captura e manejo de serpentes para funcionários da UFRPE, realizado pelo LIAR em parceria com o Parque Estadual de Dois Irmãos.

Resgate e registro de dados científicos



O resgate de serpentes realizado pelo LIAR é feito por pessoas treinadas, utilizando equipamentos adequados, de forma que preze pela segurança e bem estar do animal. Os espécimes resgatados são levados ao laboratório (Departamento de Biologia) para serem medidos, pesados, marcados e soltos.



É comum encontrar os animais nos ambientes naturais no campus, mas eventualmente eles são registrados nas edificações, calçadas, salas, restaurantes e laboratório.

Como prevenir acidentes ofídicos

Não entre em área florestada com pernas e pés desprotegidos.

Não remexa em troncos caídos, buracos, etc. Evite andar em área florestada sem iluminação na UFRPE.

Nunca manuseie uma serpente com as mãos e sem treinamento prévio.

Usar sempre luvas de couro nas atividades de jardins e capinagem; evitar entulhos próximo as edificações; controlar o número de roedores existentes na área urbana; monitorar e tampar brechas e ou frestas em paredes, portas, janelas e tetos, em locais edificados mais próximos as áreas naturais.

Como proceder em caso de acidente ofídico

Manter a vítima calma, hidratada, e lavar o local da picada com água corrente.

Caso a serpente seja peçonhenta levar a vítima imediatamente ao Hospital da Restauração (Av. Gov. Agamenon Magalhães, s/n, Derby. Fone: 0800-7226001).

Não tente sugar o veneno, cortar o local da picada, fazer torniquete, nem oferecer bebida alcoólica e/ou querosene a vítima.

O que fazer caso encontre uma serpente no campus

- Não tente manusear o animal;
- Entre em contato com o L.I.A.R. através do telefone: 3320-6906;
- Ou Departamento de Biologia: 3320-6301;
- Se a serpente estiver atravessando na sua frente, espere um pouco, ela seguirá o caminho dela, estamos no ambiente natural delas;
- Serpentes não atacam, apenas se defendem caso se sintam ameaçadas;
- Outros telefones de emergência: Parque Estadual de Dois Irmãos (3184-7754), Cetas Tangara (3182-9022), CPRH - Unidade de Gestão de Fauna (3182-8905), CIPOMA - Companhia Independente de Policiamento do Meio Ambiente (3181-1700, 3181-1703), Bombeiro (193), Brigada Ambiental Prefeitura do Recife (3355-0439, 3355-0440).



LIAR UFRPE



@liarufrpe



Referências Bibliográficas

Bernarde, P.S. 2012. **Anfíbios e Répteis – Introdução ao estudo da herpetofauna brasileira**. Curitiba. Anolisbooks. 320p.

Costa, H.C.; Moura, M.R. & Feio, R.N. 2008. **Serpentes de Viçosa e região (Minas Gerais)**. Belo Horizonte. FAPEMIG. 28p.

Costa, H.C. & Bérnili, R.S. 2018. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. **Herpetologia Brasileira**, 7(1): 11-57.

Fraga, S.; Lima, A.P.; Prudente, A.L.C. & Magnusson, W.E. 2013. **Guia de cobras da região de Manaus – Amazônia Central**. Manaus. IMPA. 303p.

Marques, O. A. V.; Eterovic, A. S; Sazima, I. 2019. **Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para as florestas costeiras do Brasil**. 2 ed. Editora Ponto A, São Paulo, São Paulo, Brazil.

Moura, M.R.; Argôlo, A.J.; Costa, H.C. 2016. Historical and contemporary correlates of snake biogeographical subregions in the Atlantic Forest hotspot. **Journal of Biogeography**, 2016:1-11.

Nogueira, C.C.; Argôlo, A.J.S.; Arzamendia, V.; et al. 2019. **Atlas of Brazilian snakes: verified point-locality maps to mitigate the Wallacean shortfall in a megadiverse snake fauna**. South American Journal of Herpetology 14(Special Issue 1):1-274.

PROPLAN. Pró-Reitoria de Planejamento. UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Atualização do campus apoiada no aerofotogramétrico da Prefeitura Municipal do Recife**. Recife: UFRPE/PROPLAN, 2004.

Santos, E. M. et al. 2017. **Guia de Répteis do Parque Estadual de Dois Irmãos**. 1. ed. Recife: EDUFRPE, 93p

Uetz, P. 2018. **How many species?** In TIGR reptile database (P. Uetz; J. Hallerman). <http://www.reptile-database.org/db-info/SpeciesStat.html>. Último acesso em: 13 de abril de 2020.

Índice Remissivo

<i>Boa constrictor</i>	14,18,31
<i>Chironius carinatus</i>	32
<i>Chironius flavolineatus</i>	32
<i>Corallus hortulana</i>	14,21,31
<i>Crotalus durissus</i>	24,41
<i>Dipsas neuwiedi</i>	19,34
<i>Erythrolamprus poecilogyrus</i>	35
<i>Erythrolamprus taeniogaster</i>	35
<i>Erythrolamprus viridis</i>	36
<i>Helicops angulatus</i>	23,36
<i>Helicops leopardinus</i>	17,37
<i>Leptophis ahaetulla</i>	7,15,16,33
<i>Micrurus ibiboboca</i>	22, 24, 25, 30, 40
<i>Micrurus lemniscatus</i>	40
<i>Oxybelis aeneus</i>	18,21,33
<i>Oxyrhopus petolarius</i>	25,37
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	25,38
<i>Philodryas nattereri</i>	38
<i>Philodryas olfersii</i>	39
<i>Spilotes pullatus</i>	34
<i>Taeniophallus occipitalis</i>	39



Realização:



ISBN 978-65-86547-06-1



9 786586 547061 >